

Hispanic, Herpanic, My panic, Our panic. Que pânico? Uma jornada brasileira nos EUA

Eva Paulino Bueno*

Resumo

O que quer dizer ser brasileiro? Depende de onde você está, e de quem você é. Muitos brasileiros que moram fora de seu país se defrontam com "especialistas" estrangeiros que, quando trabalham no Brasil, recebem melhor tratamento, mais condições de pesquisa, e, portanto obtêm melhores resultados que os pesquisadores brasileiros. O artigo faz uma revisão histórica das passagens de brasileiros pelos Estados Unidos, e dá uma visão da situação dos brasileiros, neste início do século XXI, em relação aos americanos natos e aos demais latino americanos que vivem aqui.

Palavras-chave: Hispanic, brasileiro, história, pesquisa, brazilianists, hispanicidad.



* **EVA PAULINO BUENO** é Professora de Espanhol e Português, Literaturas Latino Americanas e Brasileira na universidade de St. Mary's, em San Antonio, Texas.

Como todos os brasileiros, eu acredito que sou brasileira. Como é que eu sei disto? Simples: nasci no Brasil. Na nossa constituição, e na nossa tradição, quem nasce no Brasil é



brasileiro. Eu sou brasileira. Ou pelo menos, esta questão, que me parecia tão clara e simples, ficou um pouco problematizada em 1987, quando eu fui preencher uns papéis nos Estados Unidos.

Nos papéis, tive que escolher a minha identificação étnica. Nas alternativas, se encontravam “branco,” “africano americano,” “nativo americano ou ameríndio,” “europeu,” “asiático,” “hispanico” e “outro.” As fichas mudaram desde 1987, e as alternativas também. Mas naquele dia, naquela ficha, estas eram as opções. Fiquei sem saber onde me enquadrava, e não queria marcar “outro.” Não sou “outro,” sou eu mesma.

Marquei “branco,” e “nativo americano,” porque minha família vem destas duas origens. Marquei também “africano americano,” por causa da minha identificação com a família da mulher que me amamentou quando nasci, e cuja cultura é uma busca constante para mim, tanto profissionalmente como pessoalmente.

Mas o funcionário rejeitou minha ficha e me disse que poderia marcar somente uma opção. Quando eu objetei que, por ser do Brasil, e não poder marcar mais de uma alternativa, eu não tinha nenhuma em que cabia. A não ser que aquele “outro” indicava o “outro” dos Estados Unidos. Com uma cara de tédio diante da minha óbvia ignorância, ele me explicou que eu sou “hispanica.”

Hispanica, eu? Um instante, maestro! Minha língua nativa não é o espanhol! Não sou da Argentina! Nem do México! Nem da Bolívia! (O que não quer dizer que haja alguma coisa errada

em ser destes países, absolutamente!) Na minha casa não servem tortillas, e não dançávamos nem tango nem rumba nas nossas formaturas. Eu sou do Brasil. Falo português desde criança. Somos o maior país da América Latina. Somos o quarto ou quinto maior país do mundo (depende de quem está fazendo os cálculos). Temos o Amazonas. Temos o São Francisco. Temos as cataratas do Iguaçu e o Pantanal. Temos do Rio Grande do Sul, ao Piauí e ao Acre, com todo aquele mundão no meio.

Mas, não teve jeito. O funcionário não quis nem saber. Tive que marcar “hispanico” na ficha. E, de lá pra cá, estou passando por um aprendizado do que significa ser hispanica. Às vezes, o aprendizado é doloroso. Às vezes cômico. Mas sempre é um aprendizado. Minha trajetória não é singular. Na verdade, tenho certeza que a maioria dos brasileiros que vêm aos Estados Unidos passou e passa semelhantes situações. Por isto mesmo, estas situações me interessam enquanto condutoras a uma maior indagação do que significa, para mim e meus compatriotas fora do país, o que significa ser brasileiro.

O verbo, o adjetivo, a herança e a bolsa de estudos

Qual teria sido o primeiro brasileiro a vir aos Estados Unidos? E por que veio? Talvez alguns tenham vindo antes, mas o primeiro relato que conheço desta vinda é *No país dos ianques*, do escritor

Adolfo Caminha, que participou do movimento naturalista no Brasil. Antes de ser escritor, ele foi marinho, e veio aos Estados Unidos para participar da “Grande Exposição Industrial de Nova Orleans.” No caminho aos Estados Unidos, Caminha passa por Barbados, e nos brinda com este exemplo de racismo, “A população, na maior parte negra, é composta de gente de baixa classe e geralmente intratável.” Ele comenta ainda que a língua falada é “um patois detestável,” e que as pessoas incomodam os passageiros do barco ao insistirem em levá-los a conhecer partes pitorescas de sua terra. Caminha não se detém no fato que os locais necessitavam ganhar a vida e se ofereciam como cicerones aos turistas que chegavam, na única língua que tinham. A impressão que se tem de Caminha, nesta parte da viagem, é que ele vai achar defeito em tudo. No entanto, ao chegar aos Estados Unidos, os adjetivos mudam, e Caminha confessa, sem o menor pudor, que “O autor destas simples notas de viagem, [...] admira os Estados Unidos como uma segunda pátria, porque ali moram juntas todas as liberdades e florescem prodigiosamente todas as nobres idéias civilizadas...”¹ Parece que nosso escritor se sente bem ao estar, por assim dizer, “por cima da carne seca,” e “ali com os homens,” como se pode ver neste trecho do livro:

O cônsul-geral brasileiro, Sr. Dr. Salvador de Mendonça, ...juntamente com Mr. Eustis, cônsul em Nova Orleans, foram recebidos no portaló pelo comandante e oficiais com todas as

honras que lhes eram devidas. Seguiram-se os representantes da imprensa, do comércio, etc.

Conduzidos à câmara, desde logo estabeleceu-se entre brasileiros e americanos uma camaradagem franca, uma corrente comunicativa de afabilidades, como se já fôssemos conhecidos velhos. As taças de champanha chocavam-se, vivas sucediam-se, levantavam-se *toasts* às duas nações, trocavam-se os mais espontâneos cumprimentos.

Ao que tudo indica, a festa e as comemorações acompanharam toda a viagem de Caminha e seus colegas. *No país dos Ianques* termina em uma nota



que, desde uma perspectiva histórica comparativa, se torna ainda mais dissonante, se tomarmos em conta a situação corrente dos Estados Unidos:

Enquanto as nações da Europa digladiam-se numa luta contínua, perdendo na guerra o que dificilmente acumularam em poucos anos de paz, a grande nação americana deixa-se estar quieta e desarmada, sem exército e sem marinha, confiada no seu próprio valor, no patriotismo de seus filhos, certa de que, num dado momento, cada cidadão, cada americano saberá cumprir com heroísmo o seu dever e honrar as suas tradições de povo independente e forte.²

Caminha, então, utiliza duas medidas diferentes para os dois países: enquanto

² Este livro de Caminha se encontra disponível na rede em vários endereços. Os textos usados aqui são de

<http://www.biblio.com.br/conteudo/AdolfoCaminha/mnopaiss.htm>, e por isto não tem número de páginas.

¹ Ambos os textos vêm da publicação eletrônica do livro, em que páginas não são marcadas.

que a língua do povo de Barbados o incomoda na sua diferença, ele nem sequer registra qualquer diferença em relação ao inglês, e não economiza os elogios de todos os tipos aos Estados Unidos. Que podemos concluir, ademais do seu racismo e rejeição dos negros de Barbados? Talvez o seu medo ao sentir que o Brasil, afinal também um país de negros, estava tão próximo de Barbados ou que poderia ser confundido com Barbados? Ou estaria ele se identificando tão completamente com o que acreditava ser “americano,” que imediatamente queria se distanciar do que achava que os americanos rejeitariam? A admiração pelo sistema e pelo povo americano, em contraposição ao seu horror aos habitantes de Barbados nos garante que, de fato, aquele brasileiro (pelo menos neste texto) se tornaria americano se tivesse a chance, e viraria as costas a tudo mais.

Já o escritor Joaquim de Souzaêndrade, em seu livro-poema *O Guesa*, tem uma perspectiva um pouco diferente. Caminha passou apenas alguns meses nos Estados Unidos, como convidado, e como parte de uma corporação, a marinha brasileira. Souzaêndrade, por sua vez, embora tenha vivido nos Estados Unidos mais ou menos na mesma época, morou com sua filha em Nova Iorque por vários anos, de 1871 e 1885, enquanto ela estudava num colégio americano. Ainda que Souzaêndrade tenha sentido a influência das artes da época — especialmente da poesia de Walt Whitman — ele parece ter passado sua vida praticamente sozinho. Não há nenhum registro de suas relações com outros brasileiros, se é que havia algum em Nova Iorque além dele naquela época que não fosse funcionário de consulado.

Souzaêndrade deve também ter admirado os Estados Unidos, para vender parte de

seus bens em São Luís para custear sua estadia em Nova Iorque, sob o pretexto do estudo da sua filha.³ Mas como residente, ele viu algo que vai além da admiração incontida que Caminha expressa em *No país dos ianques*. O resultado deste conhecimento se encontra em uma parte de *O Guesa* que se chama “O inferno em Wall Street,” no Canto X. Fica claro, no poema, que Souzaêndrade lia os jornais, acompanhava a situação do país no momento crucial do pós-guerra civil, e da constituição do império capitalista baseado em Wall Street. Assim, o poema abre com os seguintes versos

“Fulton’s Folly, Codezo’s Forgery
Fraude é o clamor da nação!
Não entendem odes
Railroads
Paralela Wall-Street a Chattám”

Aqui saliento o fato de o poeta ter visto que a nação já se encontrava politizada e alfabetizada o suficiente para clamar contra o que percebia ser fraude. O poeta registra, junto com o clamor, a sua admiração pela energia infernal que encontra na metrópole, Chattám. Até hoje, esta parte de *O Guesa* é considerada um dos comentários mais penetrantes, da parte de um brasileiro, sobre aquele momento histórico nos Estados Unidos.⁴ Mas não podemos, de todas as maneiras, ver “O inferno em Wall Street” como crítica contundente aos Estados Unidos ou ao capitalismo que tomava forma e força no tempo que ele registra. Existe, pela mesma ânsia

³ Luiz Costa Lima escreve, em “Idéias” do *JB*, sobre esta fase da vida de Souzaêndrade e afirma que, “Como sua única fonte provável de renda eram as colaborações para *O Novo Mundo*, jornal editado em New York por José Carlos Rodrigues, é viável que houvesse aí dilapidado sua herança.” Um exemplo “fundacional” de brasileiro gastando sua fortuna nos Estados Unidos?

⁴ Ver o excelente trabalho de Luiza Lobo, *Épica e modernidade em Souzaêndrade*.

enciclopédica de Souzaândrade, o desejo também de prestar homenagem ao país.

Depois destas viagens do século XIX, outros ilustres brasileiros vieram aos Estados Unidos, e alguns escreveram seus relatos. Quem pode esquecer, por exemplo, que Gilberto Freyre, outro que veio aos Estados Unidos com os bolsos cheios de dinheiro de engenho, aqui conseguiu escrever melhor sobre seu próprio país e cultura? *Casa grande e senzala*, um livro que marca uma mudança importante na maneira em que os brasileiros começaram a se ver, só poderia ter se tornado realidade fora do Brasil. Como o próprio Freyre esclarece, um dia em Nova Iorque, ao ver os marinheiros brasileiros, produto da mistura de raças que deu origem ao povo brasileiro, entendeu a extensão desta verdade, que hoje pode ser aparente, mas que nos anos de 1930 não era nem aparente nem aceita.⁵

Um outro destes escritores foi Érico Veríssimo, que, assim como Adolfo Caminha e Souzaândrade, chegou aos Estados Unidos por navio, em 1941. Se Souzaândrade encontrou o país perguntando-se sobre as fraudes internas, Veríssimo encontrou o país perguntando-se sobre que direção tomar na segunda guerra mundial. Veríssimo, ainda mais que seus predecessores, chegou aos Estados Unidos como



representante do Brasil: sua viagem foi o resultado da chamada “política de boa vizinhança,” instituída pelo governo de Franklin Roosevelt. Veríssimo fez um *tour* “pela nata,” regada a bons vinhos e salpicada de encontros oficiais e semi-oficiais. É bem possível que ele não chegou a ter nenhuma conversa de maior porte com nenhuma pessoa que não estivesse diretamente relacionada a sua missão quase diplomática. Assim, seus comentários mais inquisitivos sobre o país, em *Gato preto em campo de neve*, se restringem à segurança na Casa Branca (inexistente), e ao fato de que Hollywood é uma “cidade murada e proibida.” Também descobriu algo que ainda continua: os americanos não conhecem o Brasil, e pensam que falamos espanhol.

Outro relato que chama atenção é o do escritor-comentarista político-caricaturista Henfil (nome artístico de Enrique de Souza Filho). Seu livro, *Diário de um cucaracha*, conta suas aventuras durante a viagem em busca de tratamento para a hemofilia, em 1973.

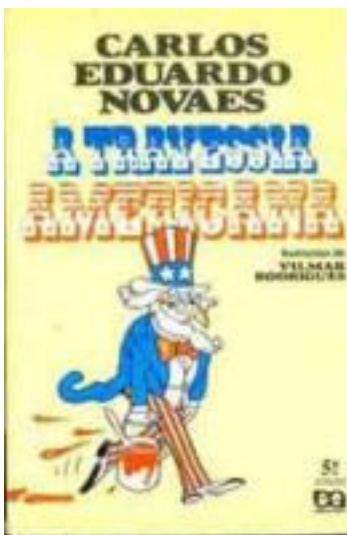
Embora Henfil não tenha vindo como representante oficial ou mesmo semi-oficial do Brasil, ele entrou em contacto com várias personalidades do mundo artístico do país, e inclusive quase conseguiu que a tira com seus personagens, “Fradinhos,” fosse sindicalizada com a *Universal Press Syndicate*. Ao que tudo indica, a companhia se retraiu do contrato por temer a reação do público americano frente ao humor às vezes corrosivo de Henfil.⁶ Ele foi um escritor que não se

⁵ O livro de Freyre não é exatamente um estudo de brasileiros nos Estados Unidos, por isso não o discuto aqui. No entanto, é muito interessante frisar que os estudos que Freyre fez fora do Brasil foram a pedra fundamental para seu entendimento da verdade racial do seu país. Deste entendimento surgiu o livro, e com ele, toda uma nova vertente da antropologia e da sociologia brasileira.

⁶ O fato de Henfil ter usado a foto de uma barata na capa de seu livro já indica esta tendência

contentou somente em mandar cartas ao Brasil contando o que via aqui (se bem que esta é a forma do livro), mas ele tentou também escrever para dentro dos Estados Unidos — a colônia escreve à metrópole. A rejeição dos fradinhos pode ser vista, então que, quando a colônia escreve de volta à metrópole, as chances de aceitação são muito reduzidas.

E o que são os “cucarachas” senão os próprios latino americanos que, como Henfil, estavam nos Estados Unidos à procura de algo que não encontravam em seu país? No caso do nosso compatriota, ele buscava, além da sonhada cura para sua doença genética, talvez até uma oportunidade de deixar o Brasil e sua ditadura para trás. Ele não obteve sucesso em nenhuma das procuras. Voltou ao Brasil, onde mais tarde recebeu uma transfusão com sangue contaminado com o vírus da AIDS, e morreu, em 1988, aos 44 anos. Mas sua estadia nos Estados Unidos, além de servir para este relato de suas próprias aventuras, serviu também como uma maior compreensão dele quanto à situação dos latino-americanos em geral, que são—ou eram, na ocasião — chamados de “cucarachas.”⁷ A



humorística. Existe uma versão do livro “para mulheres,” sem a barata na capa, mas quase todos preferem a versão com a barata.

⁷ Por que cucarachas? Uma enquete que fiz com amigos e colegas da América Latina que moram nos Estados Unidos, deu este seguinte resultado: alguns acham que os americanos pensam que nós habitamos qualquer cantinho escuro, e qualquer coisa nos serve, ou que nos reproduzimos como baratas, ou que, mesmo que pisem em nós, outros virão em nosso lugar. Alguns disseram que provavelmente tem alguma coisa que ver com a música “La

politização de Henfil, e sua sensibilidade de comentarista político lhe deram a possibilidade de entender e ver além da superfície, e reconhecer que sua posição dentro do imaginário americano era entre os demais latino americanos. Por isto, se colocou entre eles, um “cucaracha” entre os demais.

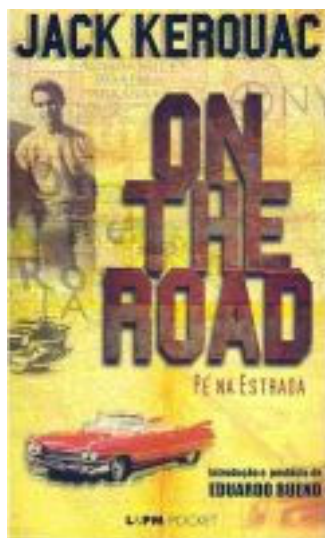
Um pouco mais de uma década depois de Henfil, outro brasileiro documenta sua aventura em *A travessia americana*, saindo de carro de Los Angeles e chegando a Nova Iorque depois de 38 dias. Diferentemente das viagens anteriores, esta foi feita por dois amigos, que, em seu trajeto, documentaram suas impressões e seu “desafio” à “potência” americana. Mas este desafio é feito muito da margem, ou melhor, da janela do carro em que viajam, jogando lixo pela estrada para se “vingarem” dos desmandos americanos no mundo e, em especial, na América Latina. Um ponto interessante de seus comentários acontece quando estão em Niágara, cuja catarata eles comparam com a nossa finada Sete Quedas e concluem Niágara é muito inferior.

A travessia americana é um livro muito interessante, além de engraçado em algumas partes, porque o autor muito honestamente revela, já no princípio, que as raízes da sua travessia estão fincadas no terreno da infância, em que ele assistia filmes americanos. Mas esta

cucaracha.” Uma olhada mais cuidadosa à letra desta música mostra que, mesmo neste caso, esta associação de latino-americanos com baratas é extremamente pejorativa, já que, na música, além de tudo, o narrador é viciado em maconha.

travessia também pode ser vista como uma paródia ao livro de Jack Kerouac, *On the road*, já que neste caso os motoristas do carro são brasileiros, e fazem o percurso de volta a Nova Iorque. Então, aqui, a colônia não só escreve de volta à metrópole, mas também dirige pela metrópole, faz piada com a metrópole e, em alguns casos, tem que reconhecer que partes da metrópole são muito parecidas com a colônia.

Estes relatos de viagem são fundamentalmente diferentes do relato de Edivaldo Boaventura, estudante de Mestrado em Administração Educacional na Penn State University de 1978 a 1980. Seu livro, que se chama *A segunda casa*, pelo título já indica que tipo de relação ele sente que tem, senão com os Estados Unidos, então com um lugar muito específico dentro do país. De fato, a cidadezinha de State College, na região central da Pensilvânia, deve ter funcionado como uma casa, um lar, para o estudante-professor baiano, que se viu envolto em neve e brancura, e no frio muito forte a que aquela região está sujeita anualmente. Mas Boaventura já tinha estado nos Estados Unidos anteriormente, sempre como parte de uma instituição, e como beneficiário de uma ou mais bolsas de estudo. Quantos brasileiros podem gabar-se de haver vindo aos Estados Unidos para “absorver o ar de Boston,” ou estudar na universidade de Harvard, ou passar tempo suficiente entre acadêmicos harvardianos para poder observar, como Boaventura observa em seu memorial apresentado à Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Bahia, em 1995, que



“segundo uma tradição, a simples presença naquele lugar torna as pessoas mais inteligentes e mais cultas!”⁸

De outro estudante, Jorge Hoffmann Wolff, vem o livro *Pateta em Nova Yorque*, que não é um relato de viagem, mas sim uma coletânea da poesia escrita dos fins de dezembro de 2000 até meados de fevereiro de 2001. Aqui, o que temos são versos que revisitam a Souzândrade, na sua caminhada e também

na sua tentativa poética de ver a língua portuguesa de fora, o que torna o poeta mais livre para jogar com ela e inventar palavras. Embora Wolff também tenha produzido seu trabalho em um tempo informado pela sua experiência de estudante (de teoria literária), ele não chama os Estados Unidos de “segunda casa.” Na verdade, o título de seu livro é, além de uma referência à cidadezinha de tal nome no Maranhão, uma referência ao livro que o poeta espanhol Federico García Lorca escreveu após passar um tempo na cidade, *Poeta en Nueva York*.⁹ Mas, assim como *O Guesa* de Souzândrade, *Pateta em Nova Yorque*, é uma tentativa de obter uma visão global pan-americana, indo da experiência dos mais humildes quando expostos ao nível de consumismo dos mais ricos. Tal é o caso do poema

⁸ Ver seu “Memorial” apresentado à Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão – FAPEX para o Prêmio Pesquisador do Ano 1994/UFBA, Área III - Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995. Disponível na rede em http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-Memorial_de_Edivaldo_Boaventura.pdf

⁹ Na sua volta à Espanha, Lorca foi assassinado pelas forças fascistas no começo da guerra civil. *Poeta en Nueva York* foi publicado após a sua morte.

“Dialética sem síntese panamericana,”
que diz,

Se/ a arrumadeira passa com
ruído/e roupa de presidiária/ junto
dos laptops bem-pensantes/ na
universidade privada/ e norte-
americana/ E/a faxineira passeia a
vassoura/em traje colorido esporte/
ao lado dos bárbaros estudantes/ da
universidade pública/ e brasileira/
LOGO/ riqueza é riqueza/ e vice-
versa”.

No entanto, não podemos deixar de lembrar que, embora este estudante-doutor tenha vivido nas margens do Harlem, ele também passou pelos Estados Unidos como alguém que não teve que sair à rua para trabalhar para ganhar a vida. A bolsa de estudos é, como sabemos, a maneira de muitos brasileiros estudantes passarem tempo em países estrangeiros. É possível dizer-se, sem exagero, que a CNPq é uma das maiores agências de viagem do Brasil, e o faz muito bem, mandando alguns dos nossos mais promissores acadêmicos para estudar fora e voltar ao Brasil para compartilhar o que aprenderam.

Para os bolsistas, assim como para os enviados dentro de um programa governamental, ou para aqueles que vêm com dinheiro do próprio bolso, jornalistas ou herdeiros, não há nenhum pânico. Todos têm a casa e comida garantida nos Estados Unidos. E quando o tempo aqui acabar, todos têm um Brasil para onde voltar, onde um emprego e uma vida os esperam. Cada um destes casos é um caso excepcional, assim como são excepcionais os artistas como Carmem Miranda, Sérgio Mendes, Caetano Veloso e Sônia Braga, que são brasileiros internacionais, e podem morar em vários lugares. Talvez possamos chamá-los de supranacionais.

E os demais?

**Mas que nada! Sai da minha frente
que eu quero passar!**

Muitos brasileiros saíram do Brasil durante nossa história e, como vimos acima, alguns viveram pra contar como é estar fora do próprio país. Todos lembramos, por exemplo, do canto dolorido do Gonçalves Dias, nos primórdios da nossa poesia romântica, chorando sua saudade: “Minha terra tem palmeiras / onde canta o sabiá / as aves que aqui gorgem / não gorgem como lá.” O “aqui” do poema era Portugal. Mas esta estrofe pode ser uma canção de todo exilado que “estranha” a terra estrangeira, e sente que nela nada é bom como no Brasil. Para muitos dos que saem, o que mais querem é voltar. E isto afeta a todos: podem perguntar ao Caetano Veloso, ao Chico Buarque, e aos demais artistas que saíram do Brasil “num rabo de foguete,” durante os anos da ditadura. Todos queriam, e todos voltaram. Como Gonçalves Dias, eles são todos membros da elite, e podemos estar bem descansados que nenhum deles jamais teve que lavar carros, limpar casas, cuidar de bebês, engraxar sapatos, pra sobreviver fora do Brasil. Nenhum deles foi confundido com terroristas e executado a sangue frio no meio da rua, em pleno dia, em Londres. Todos estes artistas e estudantes voltaram. Mas nem todos os brasileiros que saem do Brasil podem voltar.

A diáspora brasileira começou, de acordo com as estatísticas, nos anos 80. Com o fim do “milagre brasileiro,” começou o êxodo. Agora temos contingentes brasileiros em várias partes do mundo, e, de acordo com o escritor Wilson Loria, eles são chamados de Brasilgaios (brasileiros no Uruguai), Brasilpeus (brasileiros na Europa), e Brazucas (brasileiros que moram nos Estados Unidos). Um grupo especial de brasileiros foi ao Japão,

beneficiando-se da política racista japonesa que, ao deparar-se com a situação de falta de mão de obra para suprir o mercado de trabalho nas profissões “suja, mal pagas e perigosas” que seus cidadãos menosprezam, começou a aceitar os descendentes dos japoneses que haviam ido, no começo do século XX, ao Peru e ao Brasil. Um grande número destes “dekasseguis” ainda se encontra no Japão, e apesar de serem brasileiros como os que vieram aos Estados Unidos, a sua situação é relativamente diferente, especialmente porque eles não são ilegais. São discriminados, alguns maltratados, alguns rechaçados, mas têm o direito legal de permanecer no país.¹⁰

Os números das estatísticas variam, mas se pode dizer seguramente que há mais de 4 milhões de brasileiros morando fora do Brasil atualmente.¹¹ A estatística para o número de brasileiros

nos Estados Unidos — o país onde a maioria se concentra — é extremamente complexa, e aqui também há grande variação, dependendo de quem está contando. Katheryn Gallant, no seu artigo “The Brazilians are Coming,” diz que

Since 1987, when about 300,000 Brazilians lived outside the country, emigration has increased at a rate of 20% per year. Since April 1991, there have been no official statistics about Brazilian emigrants. The only number available is that of passports issued by the Federal Police. That came to a total of 436,177 in 1993, the most recent year for which statistics are available.

Desde 1987, quando cerca de 300.000 brasileiros viviam fora do país, a emigração aumentou em 20% por ano. Desde abril de 1991, não há estatísticas oficiais sobre emigrantes brasileiros. O único número disponível é o de passaportes emitidos pela Polícia Federal. Este foi de 436.177 em 1993, o ano mais recente em que tais estatísticas estão disponíveis.

E quantos destes vieram e ficaram nos Estados Unidos? O Censo americano de 2000 diz que há 212.428 brasileiros no país. Já o Ministério de Relações Internacionais do Brasil dá o número de 784.000. E o fundador do Brazilian Immigration Center em Allston, Massachusetts, Fausto Mendes Rocha, calcula que há aproximadamente 1,2 milhões de brasileiros nos Estados Unidos.¹²

Algumas perguntas podem vir desta diferença de números. Primeiro, logicamente, por que esta discrepância entre os números oficiais americanos e os brasileiros, e os números de uma

¹⁰ Eu tenho escrito extensivamente sobre o assunto dos brasileiros de origem japonesa que vivem no Japão. Ver, por exemplo, “Gaijin, gaijin,” na *Revista Espaço Acadêmico* de 2002: www.espacoacademico.com.br/015/15eva.htm. Ver também o artigo de Wilson Loria na revista *Brazzil* de novembro de 1999.

¹¹ Katheryn Gallant menciona que o demógrafo brasileiro José Alberto Magno de Carvalho, diretor do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais afirma que havia entre um milhão e 2,5 milhões de brasileiros morando fora do Brasil em 1995, enquanto que o IBGE constatou a “ausência” de 1.379.928 brasileiros entre as idades de 20 a 44 anos no censo de 1991. Considerando que estes números estão corretos, e fazendo uma projeção da taxa de saída ter continuado constante nos últimos doze anos, então o cálculo de 4 milhões morando fora do Brasil atualmente é até conservador. Ver também uma divertida fórmula inventada pelo autor do texto “Brazilians in the USA” disponível em <http://brazilbrazil.com/brasusa.html>. Ele chega à conclusão que há 600.000 brasileiros morando nos Estados Unidos.

¹² Números citados por Carla Andréa Leininger, em “Not all Latinos are Hispanics.”

entidade de assistência como a Brazilian Immigration Center, que se destina a socorrer aos imigrantes brasileiros da área? E, segundo, se há realmente 1,2 milhões de brasileiros nos Estados Unidos, por que esta presença é raramente notada, e por que não existe uma comunidade brasileira organizada no país?

Começando pela diferença de números, temos que considerar, inicialmente, como o governo americano prepara os papéis do censo, seus formulários e suas maneiras de coleta de dados. Para se ter uma idéia, em 1996 o governo americano contratou uma companhia encarregada de fazer pesquisa para melhorar os formulários do censo que viria em 2000. Dianne Crispell escreve que

The U.S. Census Bureau is under immense pressure to conduct an improved census in 2000 for less money. Toward that end, it's gearing up to try some new things that may increase the initial mailback response rate from its less-than-stellar level of 65 percent in 1990. A big part of the bureau's hopes rest with newly designed user-friendly questionnaires.

A Secretaria do Censo dos Estados Unidos está sob imensa pressão para fazer um censo melhor em 2000, por menos dinheiro. Para obter isto, ela está se preparando para tentar algumas coisas novas que podem aumentar a resposta inicial enviada pelo correio, para que seja melhor que o nível menos-que-aceitável de 65) que obteve em 1990. Uma grande parte das esperanças da Secretaria está baseada em questionários mais fáceis de usar para o usuário.

Pode-se imaginar que, entre estes problemas dos questionários, estava o pequeno mas, para nós, importantíssimo fator da designação dos brasileiros. A

página de internet to US Census Bureau explica que, de fato, em 2000 os formulários tentaram levar em conta a crescente diversidade da população americana, e que a questão da auto-identificação em termos de raça agora oferece mais opções, e inclusive a possibilidade da pessoa marcar mais de uma raça. No documento há uma explicação sobre a questão dos hispânicos, em que se diz que o governo federal considera a raça e a origem hispânica dois conceitos distintos e separados, e que os hispânicos podem ser de qualquer raça.

Mas o formulário, ao meu ver, complica ainda mais as coisas ao dizer que usará os termos “Hispanic” e “Latino” indiscriminadamente, e oferece um grande número de opções de “raça,” entre elas, por exemplo, “Filipino,” “Japanese,” “Samoan,” e outros para os asiáticos. Ao mesmo tempo, no item 5 desta parte do questionário, para as pessoas de Spanish/Hispanic/Latino, há as seguintes opções:

☐ No, Not Spanish/ Hispanic/ Latino (Não, Não espanhol/ hispânico/ latino)

☐ Yes, Mexican, Mexican Am., Chicano (Sim, mexicano, mexicano-americano, chicano)

☐ Yes, other Spanish/Hispanic/Latino – *print group* (Sim, outro espanhol/ hispânico/ latino – escrever o nome do grupo)

☐ Yes, Puerto Rican (Sim, porto riquenho)

☐ Yes, Cuban (Sim, cubano)

Isto quer dizer que, para o respondente brasileiro, a opção era habitar o “Não”, e ir direto marcar a raça, que era o quesito número 6. Muitos aproveitaram o espaçozinho no fim da raça, onde estava o “Some other race” — alguma

outra raça, para escrever seu adjetivo nacional, brasileiro.¹³ Esta confusão de raça e país de origem talvez seja, então uma das razões para a discrepância dos números. Mas, há outras maneiras de fazer estes cálculos.

A antropóloga americana Maxine L. Margolis é autora de um dos estudos mais aprofundados sobre os brasileiros nos Estados Unidos. Seu livro, *Little Brazil: An Athnography of Brazilian Immigrants in New York City*, embora publicado em 1994, ainda é o padrão utilizado quando se discute brasileiros no país. Margolis conduziu sua pesquisa através de questionários que distribuiu a 100 imigrantes brasileiros que foram localizados através do que se chama “snowball sampling”—“amostragem crescente” – e observação participante. A autora reconhece as limitações do método para dar uma visão estatística dos brasileiros em Nova Iorque, mas o livro nos apresenta, de todas maneiras, uma visão humana dos brasileiros naquela cidade, suas lutas e aspirações.

Margolis nos informa, por exemplo, que ela estima (em 1993, quando fez a pesquisa) que havia por volta de oitenta mil a cem mil brasileiros sem documentos — ou ilegais — em Nova Iorque, a maioria deles pessoas que haviam ficado no país depois de expirado o visto de turismo. Este é um número bastante alto, mesmo levando-se em conta que Nova Iorque é uma metrópole de mais de sete milhões de pessoas. Considerando-se a contínua chegada de brasileiros, devem existir

muitos mais hoje na cidade. Quantos? Onde? Fazendo o quê?

Mas a pergunta que ainda me incomoda, mesmo depois de rever toda a complexa questão de como um censo é feito é que, sejamos cem mil, duzentos, ou um milhão e meio de brasileiros nos Estados Unidos, por que não temos uma presença política e social mais pronunciada no país, e por que não nos juntamos mais em comunidade? Não estamos nem pensando em formar um grupo como os mexicanos americanos muitos dos quais, afinal, estão no território americano desde antes dos anglos, e são o resultado histórico de uma longa ocupação territorial. Mas pelo menos nós brasileiros poderíamos já ter deixado esclarecido aos americanos que em nosso país de origem não falamos espanhol, e não fazemos sesta ao meio dia, e que as tortillas não são parte da nossa cozinha.

Aí é que são elas...

A questão, então, pode ser repartida em duas, que estão relacionadas: como os americanos nos percebem (ou, mais precisamente, não nos percebem), e como nos percebemos a nós mesmos. Como vimos com os relatos de viagem do século XIX, Caminha e Souzaêdrade ficaram praticamente de fora da sociedade americana, sempre admirando o progresso e a riqueza americana. Os demais, que vieram e voltaram ao Brasil, e de lá escreveram e para lá publicaram, para a diversão e/ou edificação dos compatriotas, seus relatos. É bem possível que nós brasileiros precisamos, de vez em quando, de mais um destes relatos que nos mostra como nos vemos de fora, para que possamos compreender como e quem somos.

Mas ainda permanece o problema da identidade e afirmação social, cultural e

¹³ Na Conferência da Brazilian Studies Association (BRASA) de 2004, Helen B. Marrow apresentou sua pesquisa que demonstra como, para os jovens imigrantes brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos, a questão racial está paulatinamente sendo resolvida nos moldes raciais americanos. Seria esta uma consequência direta desta confusão do censo?

política dos brasileiros que moram, em grande número, nos Estados Unidos. Enquanto nós brasileiros não estivermos mais organizados como comunidade, os americanos continuarão nos juntando com todos os outros “hispânicos” e — apesar de ver que alguns vão dizer que isto é uma lenda urbana — achar que a capital do Brasil é a Argentina. Mas afinal, por que não nos contentamos e admitimos que somos hispânicos e aproveitamos os benefícios adquiridos pelos demais que vieram da América Latina?

Em seu artigo “Not all Latinos Are Hispanics,” Carla Andréa Leininger cita Alan P. Marcus, um brasileiro estudante de doutorado nos Estados Unidos, e sua apresentação muito pertinente na conferência “Embracing Diversity: Latino Immigration and the Transformation of American Society – An Interdisciplinary Graduate Student Conference” — “Abraçando a diversidade: a imigração latina e a transformação da sociedade americana – uma conferência interdisciplinar de estudantes de pós-graduação,” que ocorreu na Harvard University 13 e 14 de outubro de 2006 e reuniu estudantes de várias universidades americanas, e também de algumas brasileiras.¹⁴ Na sua apresentação, Alan P. Marcus salienta vários aspectos importantes que separam os brasileiros desta categoria.¹⁵

Tomando em consideração o problemático termo “pan-étnico,” Marcus cita outros estudiosos que

chamaram a atenção para sua ambiguidade e, no caso da terminologia usada para as pessoas originárias da América Latina residindo nos Estados Unidos, “Hispanic” ou “Latino”: estes dois termos não emergiram, como se era de se esperar, de uma experiência coletiva comum. Como Marcus frisa:

[A] clear binding component to the Hispanic/Latino *panethnic* group is the Spanish language. Portuguese-speaking Brazilians become the *outsiders* in this case. Thus, the omission of Portuguese-speaking Brazil and Brazilians among U.S.-based (so-called) Latinos or Latin Americanist *intelligentsia*, other than the superficial mentioning of Rio de Janeiro’s *Carnaval* and Brazilian *samba*, is widespread.

[U]m componente que claramente conecta o grupo pan-étnico hispânico/latino é a língua espanhola. Os brasileiros falantes de português se tornam “outsiders” neste caso. Assim, a omissão do Brasil e dos brasileiros falantes de português pelos membros da *intelligentsia* americana latino-americanista que é (supostamente) especialista em latinos e América Latina — a não ser alguma menção superficial do carnaval do Rio de Janeiro e do samba brasileiro — é muito comum.

Marcus escreve que, além da exclusão devido ao fato de que não falamos espanhol, há duas outras razões para a nossa “invisibilidade”: de uma perspectiva geopolítica, o Brasil está mais longe dos Estados Unidos que países tais como o México, Porto Rico ou Cuba, países que têm uma longa história e relação política com os Estados Unidos. E os brasileiros são dissimilares dos outros latino-americanos em muitas maneiras (lingüisticamente, culturalmente,

¹⁴ Ver o programa completo na rede em <http://www.wjh.harvard.edu/soc/embracingdiversity/schedule.html>

¹⁵ Alan P. Marcus gentilmente me concedeu permissão para ler e citar seu trabalho, que foi submetido para ser publicado em uma revista especializada nos Estados Unidos. A versão da qual cito não tem número de páginas, e é a mesma que foi lida na Conferência na Harvard University em outubro de 2006.

historicamente e etnicamente).¹⁶ Isto significa que, no fim de todas as contas, somos diferentes. No entanto, mesmo tendo em mente todos os pontos dados por Alan Marcus, ainda precisamos considerar o nosso número (ainda que seja o mais baixo, que todos concordam que é inexato). Duzentas mil pessoas é um grande contingente de pessoas. Por que continuamos invisíveis?

O problema do formulário confuso do censo é certamente um dos fatores para a nossa invisibilidade. Outro, como aponta a antropóloga Maxine Margolis, é o fato de que muitos de nós chegamos aos Estados Unidos como “visitantes,” e não como “imigrantes.” Além de que muitos de nós não temos permissão para ficar — os chamados ilegais — muitos vêm mesmo só pra ganhar um dinheiro, fazer o “pé-de-meia” e voltar ao Brasil. Pelo menos, isto é o que muitos dizem, mas acabam ficando, ficando, ficando. Outros, fazem o que Margolis chama de “yo-yo migration”: vêm e voltam, vêm e voltam. Os efeitos desta prática são extremamente complicados, especialmente para os casais que têm filhos jovens, cuja vida escolar acaba sendo travada com papelada, e que raramente conseguem cursar uma faculdade nos Estados Unidos devido ao preço e à falta de documentos, e não podem fazer faculdade no Brasil porque não têm a preparação necessária para passar no vestibular.

¹⁶ Ver também o texto de Carla Andréa Leininger no endereço <http://www.arrepiabrasil.org/columns/carla1.pdf>. Ela também discute a apresentação de Alan P. Marcus, e aponta para esta interessante situação: enquanto estamos no Brasil, nós brasileiros nos identificamos como latino-americanos, mas quando estamos nos Estados Unidos, queremos diferenciar-nos dos outros latino-americanos, e consideramos “um insulto” acharem que falamos espanhol como os demais.

Outro fator que Margolis aponta é que a maioria dos brasileiros nos Estados Unidos não se encaixam no perfil de imigrantes desesperadamente pobres. A maioria dos brasileiros que se encontram em Nova Iorque (pelo menos na época da sua pesquisa, na primeira metade dos anos 90), segundo a antropóloga, vem da classe média urbana brasileira, e muitos deles têm educação superior. Ao chegar aos Estados Unidos, porém, a grande maioria destes “exilados econômicos” acaba tendo que se submeter a trabalhos aos quais jamais se sujeitariam no Brasil. Assim, não só a pesquisa de Margolis, mas informação anedótica recolhida também por mim e outros brasileiros indica que muitos dos compatriotas com diplomas de advogado, administração de empresa, filosofia, trabalham como engraxates, frentistas, motoristas, enquanto que outras com diploma de psicóloga, professora, trabalham de diaristas, babás, e cuidando de pessoas idosas. No livro *Little Brazil*, Margolis nos conta também de muitas brasileiras jovens que trabalham como dançarinas de boate. Como muitos destes brasileiros — a maioria absoluta — elas dizem que vieram para fazer o pé de meia e voltar ao Brasil, a sua vida social é reduzidíssima, e pode-se dizer que vivem do trabalho para casa para o trabalho.

Apesar disto, há alguns sinais de permanência: nos últimos anos na Flórida aumentou o número de igrejas cristãs de várias denominações (principalmente evangélicas) dedicadas exclusivamente ao culto em português. E, na área da cidade de Newark, no estado de Nova Jersey, há dois jornais semanais que servem aos brasileiros, cobrindo eventos locais e notícias do Brasil. Também em Massachusetts parece que há algumas tentativas para

organizar os brasileiros: encontrei a informação de uma associação de brasileiros — Brazilian American Association (BRAMAS) — baseada em Framingham, Massachusetts, e localizei seu site oficial: <http://www.bramas.org/>. Seu presidente, Carlos Antonio Ferreira da Silva apresentou um trabalho na universidade de Harvard em 2005, na “National Conference on Brazilian Immigration to the US” — “Conferência nacional sobre a imigração brasileiro aos Estados Unidos.” Seu trabalho tinha como título “Brasileiros naturalizados, criando uma voz política para nossa comunidade nos EUA.” A página de abertura do site diz que seu propósito é “organizar a comunidade Brasileira para se criar uma identidade na sociedade Americana.” Infelizmente, na data desta pesquisa, fevereiro de 2007, o site ainda se encontra em construção, e nenhum dos links funciona, indicando que, provavelmente, a “comunidade” não atendeu ao chamado da BRAMAS, e este projeto continua esperando participantes.

Ao que parece, estas tentativas, todas louváveis, ainda não renderam os frutos desejados. Algumas coisas, porém, já começaram a acontecer. Por exemplo, existe uma parte da cidade de Nova Iorque, localizada na rua 46, uma região que sempre atraiu brasileiros que vinham fazer compras na cidade, e que, no dia 7 de setembro de 1995, recebeu o nome de “Little Brazil.” Mas os brasileiros que moram em Nova Iorque não moram em Little Brazil, e nem mesmo em Manhattan. A maior concentração de brasileiros, na realidade, está no bairro de Queens, especialmente em uma seção chamada Astoria. Além do mais, convém ressaltar que Little Brazil também não é uma região exclusiva de brasileiros,

porque ali se encontram lojas de imigrantes de vários outros países.

Apesar de tudo, já temos um grande número de pessoas brasileiras nos Estados Unidos, já temos igrejas com cultos e missas em português, jornais que publicam em português. Por que não somos uma comunidade? Por que, por exemplo, quando algumas medidas são tomadas em favor de grupos estrangeiros que vivem nos Estados Unidos, jamais se houve o nome do Brasil, e jamais se ouve menção a brasileiros, a não ser quando são presos na fronteira do México, ou são apanhados pela imigração, já dentro dos Estados Unidos, e mandados de volta, em massa? ¹⁷ As opiniões variam. Wilson Loria diz que “There’s no Brazilian community in New York, but there is a huge crowd from Brazil trying to make their own America” — “não há uma comunidade brasileira em Nova Iorque, mas há uma enorme multidão do Brasil tentando fazer sua própria América.” Embora Loria não explica muito bem o que quer dizer com a expressão “fazer a América,” ele opina, no fim de seu artigo, que “one possible answer for our lack of organization as a community would probably be that we are not united within our own country of 160 million inhabitants today” — “uma possível resposta para a nossa falta de organização como uma comunidade provavelmente seria de que nós não estamos unidos dentro do nosso

¹⁷ Cena vista em noticiário de televisão no Texas em fins de 2005 quando, provavelmente por influência de uma novela da Globo, milhares de brasileiros tentaram entrar no território americano sem serem vistos. As consequências da aventura da personagem da novela, que atravessa a fronteira do México para chegar aos Estados Unidos e construir o seu sonho americano, ainda se farão sentir em anos vindouros.

próprio país de 160 milhões de habitantes até hoje.”

Então, revisando as possíveis explicações das razões para não constituirmos ainda uma comunidade nos Estados Unidos: a transitoriedade da nossa presença, caracterizada pelos nossos “planos de voltar ao Brasil;” o efeito da migração “yo-yo;” a falta de tempo devido ao ritmo de trabalho. Eu adicionaria a estas razões duas outras, que me parecem também importantes: o fato de os brasileiros virem de diferentes regiões que têm culturas diferentes, e, apesar de todas elas terem o mesmo português básico, as pequenas diferenças linguísticas, assim como as discriminações baseadas nestas diferenças são trazidas aos Estados Unidos. Mas a última razão talvez seja a mais importante: os brasileiros mais facilmente se relacionariam com americanos ou mesmo outros latino americanos porque, ao chegar aos Estados Unidos, eles sofrem um rebaixamento de classe social.

Ainda não fiz um levantamento estatístico sobre este assunto, mas minha observação direta de muitos brasileiros que tenho encontrado nos Estados Unidos (pelo menos umas 150 pessoas), indica que, apesar de dizerem que estão aqui por pouco tempo, somente para conseguir dinheiro suficiente e voltar ao Brasil, eles se sentem embaraçados por estarem exercendo profissões consideradas “humildes” no Brasil. Um homem que eu conheci na Califórnia, que era militar aposentado, estava trabalhando como faxineiro em um clube, mas nunca me revelou tal fato, preferindo dizer que ia ao clube se encontrar com amigos. Outra, uma mulher que era psicóloga em São Paulo, em Nova Iorque trabalhava cuidando de uma senhora demente, mas me disse que era a sua

psicóloga particular. Nós brasileiros somos — em geral — obcecados por classe. A perda da nossa, por qualquer razão que seja, é razão suficiente para que não queiramos nos reunir em um clube social, onde todas as histórias são conhecidas. Como a maioria diz que quer voltar ao Brasil, faz sentido manter a posição humilde em segredo, para não ter que se envergonhar mais tarde, no Brasil.

Enquanto isto, muitos que dizem que vão ficar pouco tempo acabam ficando muito tempo, e uma boa parte acaba jamais voltando de vez ao Brasil. E, no fim das contas, se ainda não descobrimos o jeito de vencer estas barreiras e nos juntarmos aos demais brasileiros, talvez devêssemos aproveitar a simplificação americana e nos dizermos hispânicos.

His-pânicos?

Por que deveríamos pular, de mala e cuia, no vagão dos hispânicos? Ou deveríamos simplesmente continuar no nosso vagãozinho fraturado, nossa ala cheia de blocos do “eu sozinho”? Ou deveríamos juntar forças já e já, nos concentrando no fato de que, por exemplo, existem brasileiros morando em 250 das 351 cidades de Massachusetts, e que em 48 destas cidades há um comércio brasileiro?¹⁸ E que, provavelmente, com o aumento da imigração — legal, ilegal — a tendência é que existam brasileiros em todas as partes dos Estados Unidos, e que portanto seremos uma presença marcante dentro de pouco tempo?

Logicamente, estas perguntas são fúteis. Estes movimentos sociais não são resolvidos por acadêmicos, nem por jornalistas, nem por comentaristas políticos ou culturais. Estas mudanças,

¹⁸ Fabiano Maisonnave, “Evento debate imigração brasileira para EUA.”

estes realinhamentos de grupos, são o resultado de forças e movimentos políticos e econômicos muito mais abrangentes que o que se pode gerar dentro da comunidade — ou grupo, ou banda — brasileira, seja ela de um milhão ou cem mil pessoas. Assim como a famosa novela da Globo ocasionou um aumento na tentativa de entrada aos Estados Unidos através da fronteira do México, assim também fatores dentro dos próprios países — Brasil e Estados Unidos — influirão na situação e permanência dos brasileiros nos Estados Unidos.

Outro ponto importante é que, mesmo que tudo pareça continuar como está, ainda vai ficar diferente, porque estes realinhamentos não são estáticos. Por exemplo, já há estudos sobre a segunda geração, os filhos dos brasileiros que chegaram aos Estados Unidos com planos de voltar ao Brasil, e nunca voltaram. Na mesma Conferência nacional sobre a imigração brasileira aos Estados Unidos já mencionada, a professora Clémence Jouet-Pastré afirmou que esta segunda geração de brasileiros é uma “bomba relógio,” porque muitos destes jovens não freqüentam a escola. Para qualquer pessoa que mora nos Estados Unidos, a falta de escola e de trabalho se traduz em uma situação perigosa, especialmente pela presença de gangues e de drogas. Estes jovens, se não receberem atenção, acabarão sendo cidadãos de país nenhum: nem brasileiros, nem americanos. E nem hispânicos.

Que pânico?

Depois daquele dia em 1987 quando eu tive que me identificar como hispânica, muitas coisas aconteceram que me ajudaram a ver vários aspectos desta questão. Uma delas foi que, como

dizem os mineiros, às vezes, por causa dos santos, se beijam as pedras.

Um destes beijos que acabei dando foi aliar o espanhol ao português como língua profissional. Embora no início esta opção tenha me parecido quase uma traição ao português, com o tempo acabei conhecendo melhor nossos irmãos latino americanos, sua cultura, sua literatura. Uma coisa é ler um livro traduzido; outra é ler o original, sentir as curvas dos sons, a música das vogais dançando com as consoantes, exatamente como o poeta quis que dançassem.

Outro beijo foi reforçar a aliança com outras mulheres latino americanas, falantes de espanhol. A maioria delas não falava português. Mas isto não me impede de falar do Brasil, da nossa cultura e nossa história para elas. Através deste primeiro contacto, muitas começaram a estudar nossa literatura. Algumas indicaram a seus alunos o estudo do português. Umas poucas tomaram a iniciativa de aprenderem português. É pouco, reconheço, mas é alguma coisa. Não podemos terminar com séculos e séculos de desconfiança de um dia para o outro. Não foi nossa idéia dividir o planeta entre espanhóis e portugueses, mas devemos sempre nos lembrar que foram os portugueses que se aventuraram mata adentro e romperam o tratado de Tordesilhas (e destruíram muitas vidas indígenas no processo, diga-se de passagem).

E, por fim, o último dos beijos na pedra foi de reconhecer que o velho ditado “a união faz a força” ainda vale. Em 2006, quando tantos latino-americanos residentes nos Estados Unidos se manifestaram contra a cerca dividindo este país do México, embora os discursos proferidos tenham sido ou em espanhol ou em inglês, o bem estar de todos estava sendo discutido. Na

multidão, na minha cidade de San Antonio, no Texas, vi não só mexicanos americanos, salvadorenhos, peruanos, bolivianos, costa riquences, mas também alguns brasileiros. Eram ainda uma presença pequena, tímida. Mas estávamos lá, com a nossa mensagem, a nossa luta, que, no fim das contas, é a mesma luta de todos.

Ao conhecer melhor os demais latino-americanos, vamos ver que, embora eles teoricamente falem a língua espanhola, eles falam variantes muito diferentes. Vamos ver também que a composição étnica e a história dos países é muito diferente. A história de sua imigração aos Estados Unidos, a sua cultura, a sua comida, tudo é diferente. E, apesar disto, todos são colocados na mesma “salsa” hispânica; assim como nós brasileiros, foram embolados neste rótulo simplificador. O que as pessoas que eu conheço que são de origem, digamos, salvadorenha, boliviana, argentina, mexicana, etc., fazem, é aceitar o rótulo quando se trata de questões políticas interiores aos Estados Unidos, mas quando se trata de questões internas latino americana, cada um carrega sua bandeira.¹⁹ A única comemoração “hispânica” que já vi nos Estados Unidos acontece no dia 12 de outubro, em que se comemora “o dia da raça,” e não o “dia de Colombo.” Embora eu ache que esta questão de “raça” é em si uma grande bobagem, entendo que é um momento de reivindicar a força conseguida de todos os latino americanos unidos. As demais festas são identificadas de acordo com os países de origem. Então, a plataforma hispânica pode nos ser útil, assim como nós também podemos ser

úteis aos demais latino americanos, juntamente com os quais constituímos a maior minoria dentro dos Estados Unidos. Podemos e devemos manter nossas características nacionais, culturais, lingüísticas, enquanto usufruimos das vantagens da nossa “hispanidade.”

Em inglês existe uma expressão interessante, que às vezes me vem à cabeça quando penso na situação do Brasil em relação aos demais latino-americanos: “it is lonely at the top” — “é solitário para quem está no topo.” Acho que estamos no topo. Por isto somos solitários fora de nosso país. Vejamos os números: de cada 3 latino americanos, 1 fala português como língua nativa. Somos o país de maior extensão na América do Sul, e, como canso de explicar aos meus alunos, maior que os Estados Unidos continental. Temos uma das maiores reservas aquáticas e de flora e de fauna do planeta. Temos tanta coisa boa, linda e maravilhosa, que é uma delícia falar delas. Como pode ser que nos Estados Unidos, um país que se quer tão informado do que realmente vale a pena no mundo, a maioria dos cidadãos não sabe nem onde estamos, e até os que supostamente entendem do nosso continente não sabem mais de nós que o que aprenderam de um livreto de turismo?

It is lonely at the top. Os americanos também acham que estão no topo. A diferença entre eles e nós é o poderio econômico dos Estados Unidos comparado com a nossa economia instável, e daí o fato de tantos de nós brasileiros estarmos vindo tentar a vida neste outro país. Os Estados Unidos não têm que saber das especificidades do Brasil, ou do Paraguai, ou da Argentina, a não ser que estes países causem problemas sérios ao poderio americano.

¹⁹ Ver o livro de José Antonio Gurpegui. Este livro tem, na capa, uma ilustração que indica o teor da discussão apresentada: “Yo soy chicano, not Hispanic. Get it Right”-- “Eu sou chicano, não hispânico. Vê se aprende a forma certa.”

Enquanto nós formos um grupo de países “alinhados” aos Estados Unidos, o governo americano não tem muito interesse em nos conhecer melhor, em saber exatamente como somos, que língua falamos. Hoje em dia, por exemplo, é mais provável que os americanos saibam que a língua do Irã é o farsi, do que saibam que a língua do Haiti é o francês. E há mais interesse estratégico em fomentar o estudo do árabe e do farsi, neste momento, do que outras línguas européias. Houve tempos em que foi o russo, o alemão, ou o japonês. Agora, quando os conflitos e guerras se moveram a outros lugares, o governo se interessa mais por aqueles lugares.²⁰

²⁰ Por outro lado, como qualquer brasileiro que já veio aos Estados Unidos para estudar pode constatar, às vezes nos surpreendemos como alguns tipos de conhecimentos estão disponíveis para os americanos e não para nós, brasileiros. Para não irmos muito longe, darei um exemplo que vi de perto: muitos lingüistas americanos têm acesso a grupos indígenas que os pesquisadores brasileiros não podem contactar. Isto é: o governo brasileiro sabota (ou sabotava, se as coisas mudaram ultimamente) seus próprios pesquisadores! Outro aspecto que os economistas Sandra Teresinha da Silva e Mário Figueiredo levantam, e que incomoda muito aos técnicos brasileiros é o da Amazônia, cujo espaço aéreo é mais conhecido pelos americanos que pelos brasileiros. De acordo com Silva e Figueiredo, em apresentação feita recentemente a alunos de Economia e Administração de Empresas em San Antonio, Texas, “com o Projeto SINVAN, voltado à pesquisa na Amazônia e controle de seu espaço, todas as informações vão primeiramente para os EU e depois de processadas, são encaminhadas ao Brasil.” Além disto, os pesquisadores brasileiros afirmam que “é muito grande a pesquisa e a apresentação de dados que os pesquisadores brasileiros temos de fazer quando o Brasil realiza projetos com recursos do Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento e outras instituições financeiras dominadas pelos americanos. Se você entrar nos site dessas instituições, você verá coisas inimagináveis, com o destaque que nem tudo é publicado.” Isto nos aponta,

Então talvez possamos calmamente admitir que a questão da nossa “hispanicidade” dentro dos Estados Unidos é simplesmente um reflexo destas situações políticas que estão muito além da questão de quem somos, e que repouse somente na questão de quem os Estados Unidos são, e quais as suas limitações e dificuldades com a função que têm, ou acha que têm, no mundo. O desinteresse em ver a especificidade dos brasileiros que moram no país está diretamente ligada ao descaso com o Brasil.

Por estas razões, a nossa presença brasileira neste país, por mais que seja obscurecida pelos demais irmãos da América Latina, é extremamente importante. Temos uma grande contribuição a dar, apesar dos grandes sofrimentos e privações que muitos passamos. Sentimos que os sabiás do Brasil gorgeariam diferente dos daqui, mas neste momento, temos o dever de dizer ao sabiá americano que existem outros sabiás além dele, e sua canção não é nem a melhor, muito menos a única.

Como faremos isto? Com o nosso jeitinho brasileiro? Devagar e sempre? A resposta, obviamente, será dada por cada um de nós, à sua maneira, e sempre sabendo que o que fizermos hoje, pessoalmente, se refletirá no nosso amanhã coletivo.

portanto, a uma divisão entre o que o povo americano sabe do Brasil, e o que o governo americano sabe. O interessante, então, é ver quando o governo “libera” esta informação ao seu povo, usando-a para manipular a opinião pública.

Referências

Boaventura, Edivaldo M. *A Segunda Casa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Caminha, Adolfo. *No país dos ianques*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1979. (Disponível na rede em: <http://www.biblio.com.br/conteudo/AdolfoCaminha/mnopais.htm>)

Crispell, Dianne. "This is Just a Census Test – 2000 Census Test." *American Demographics*, Fevereiro 1996. Disponível na rede em http://findarticles.com/p/articles/mi_m4021/is_n2_v18/ai_17966599

Freyre, Gilberto. *Casa grande e senzala*. (1933) *The Masters and the Slaves; A Study in the Development of Brazilian Civilization*. Trad. Samuel Putnam. New York: Knopf, 1964.

Gallant, Katheryn. "The Brazilians Are Coming." <http://www.brazzil.com/cvrmar96.htm>

García Lorca, Federico. *Poeta en Nueva York*. Barcelona: Lumen, 1976.

Gurpegui, José Antonio. *Narrativa Chicana: Nuevas propuestas analíticas*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2003.

Henfil, (Enrique de Souza Filho). *Diário de um cucaracha*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

Kerouac, Jack. *On the Road*. (1957). New York: Penguin, 1976.

Leininger, Carla Andréa. "Not all Latinos are Hispanics." <http://www.arrepiabrasil.org/columns/carla1.pdf>

Lima, Luiz Costa. "Um poeta inexistente, Souzaândrade." "Idéias." *JB* 17.7.1999 e 14.8.1999. Também disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/lclima.html>.

Lobo, Luiza. *Épica e modernidade em Souzaândrade*. São Paulo: EDUSP, 1986.

Loria, Wilson. "The Invisible Brazilians." *Brazzil*, Novembro de 1999. <http://www.brazzil.com/p25nov99.htm>

Maisonnave, Fabiano. "Evento debate imigração brasileira para EUA." *Folha de S. Paulo*, 22 de março de 2005.

Marcus, Alan P. "Debunking Pan-Latinamericanisms: The "Hispanic/Latino" Category.

Brazilian Immigrants and (another) American Ethnic Dilemma." Texto inédito, sob consideração para publicação. Cedido pelo autor.

Marrow, Helen B. "Coming to Grips with Race: Second-Generation Brazilians in the United States." VII Brazilian Studies Association (BRASA) Congresso Internacional. Rio de Janeiro, Brasil, 9 a 12 de junho, 2004.

Novaes, Carlos Eduardo. *A travessia americana*. São Paulo Ática, 1984.

Veríssimo, Érico. Veríssimo, Erico. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Globo, 1941.

Wolff, Jorge Hoffmann. *Pateta em Nova Yorque*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.